



Ano 6, Vol 6, Núm. 1, jan-jun, 2025, pág. 162-182.

## **Um bom aprendiz de língua chinesa como língua adicional em Moçambique: sua autonomia e estratégias de aprendizagem.**

**A good learner of Chinese as an additional language in Mozambique: his autonomy and learning strategies.**

Sónia Sara Cumbe<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo investiga a autonomia e as estratégias de aprendizagem utilizadas por um bom aprendiz de língua chinesa no curso de Licenciatura em Língua, Cultura e Literatura Chinesa da Universidade Rovuma. Este estudo tem por objetivos verificar os indícios de autonomia do participante da pesquisa a respeito da aprendizagem de língua chinesa como língua adicional, identificar as estratégias de aprendizagem utilizadas pelo aprendiz e analisar a relação entre o aprendiz, sua autonomia e estratégias de aprendizagem. Esta pesquisa parte de bases teóricas da Linguística Aplicada: a pesquisa sobre o bom aprendiz de Rubin (1975); autonomia tomando por base os estudos de Domiciano e Santos (2003) e as estratégias de aprendizagem de línguas apresentadas por Rose (2010). Quanto à metodologia, este estudo é qualitativo (FLICK, 2007) de carácter interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008), além de ser um estudo de caso (STAKE, 2005) e teve como participante um aluno com o melhor desempenho. Foram utilizados instrumentos como entrevista semiestruturada, aplicação de questionário misto e narrativas escritas para a geração dos dados (VIEIRA ABRAHÃO, 2010). Os dados indicam que o participante é um aprendiz autónomo com responsabilidade e autoridade sobre seu aprendizado, uma vez que utiliza várias estratégias de aprendizagem, dentre elas, estratégias cognitivas de repetição e memorização, estratégias sociais onde se destaca o uso de interações sociais com os falantes nativos e estratégias metacognitivas através de plano de estudo diário, demonstrando saber por quais meios deve alcançar bons resultados.

**Palavras-chave:** Autonomia. Estratégia de aprendizagem. Bom aprendiz. Língua Chinesa.

### **ABSTRACT**

This article investigates the autonomy and learning strategies used by a good Chinese language learner in the Degree in Chinese Language, Culture and Literature at Rovuma University. This study aims to verify the signs of autonomy of the research participant regarding learning Chinese as an additional language, identify the learning strategies used by the learner and analyze the relationship between the learner, his autonomy and learning strategies. This research is based on theoretical bases in Applied Linguistics: the research on the good learner by Rubin (1975); autonomy based on the studies of Domiciano and Santos (2003) and the language learning strategies presented by Rose (2010). As for the methodology, this study is qualitative (FLICK, 2007) of an interpretive nature (BORTONI-RICARDO, 2008), in addition to being a case study (STAKE, 2005) and had a student with the best performance as a participant. Instruments such as semi-structured interviews, mixed questionnaires and written narratives were used to generate data (VIEIRA ABRAHÃO, 2010). The data indicate that the participant is an autonomous learner with responsibility and authority over his learning, as he uses several learning strategies, including cognitive strategies of repetition and memorization, social strategies where the use of social interactions with

<sup>1</sup> Licenciada em Ensino de Língua Inglesa, pela Universidade Pedagógica de Moçambique e, Mestre em Administração e Gestão Educacional. Docente de graduação, curso de Licenciatura em Ensino de Inglês, na Universidade Rovuma, actua nas disciplinas de Historia da língua Inglesa e Técnicas de expressão em língua Inglesa. Áreas de interesse: Linguagem, sociedade e Cultura. E-mail – [scumbe@unirovuma.ac.mz](mailto:scumbe@unirovuma.ac.mz).



native speakers and metacognitive strategies through a daily study plan, demonstrating knowledge of which means to achieve good results.

**Keywords:** Autonomy. Learning strategy. Good learner. Chinese language

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a autonomia e as estratégias de aprendizagem de um bom aprendiz de língua chinesa como língua adicional, no curso de Licenciatura em Língua, Cultura e Literatura Chinesa na Universidade Rovuma. Para tanto, utilizamos bases teóricas da Linguística Aplicada: a pesquisa sobre o bom aprendiz de Rubin (1975), Amarante e Moraes (1992); autonomia tomando por base os estudos de Dickinson (1987); Domiciano e Santos (2003); Paiva (2005) e as estratégias de aprendizagem de línguas, cujos principais autores aqui estudados são Rubin (1975), Anderson (1985), O'Malley e Chamot (1990), Rose (2010) e Oxford (2017).

A escolha por tal enfoque justifica-se na medida em que, dentre os problemas enfrentados pelo curso, o ensino remoto no primeiro ano letivo devido à Covid 19, a falta de literatura bibliográfica na língua Chinesa e Portuguesa, a evasão de 50% dos alunos, além das dificuldades peculiares enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem de uma língua adicional, chamou atenção o bom desempenho do aluno do terceiro ano e participante desta pesquisa que obteve um progresso relevante nos estudos até o presente momento.

O participante da pesquisa ingressou na Universidade em 2020. Actualmente, no seu terceiro ano na universidade, dentre os alunos que começaram a estudar a língua do zero, é considerado o aluno com melhores notas em sua classe, em 3 anos, passou nos quatro níveis de Exame de Proficiência em Língua Chinesa, nomeadamente o HSK1<sup>2</sup>, HSK2, HSK3 e HSK4. Ele também participou em vários concursos organizados pelo Instituto Confúcio, tendo sempre se destacado entre os primeiros três classificados, razão pela qual escolhemos esse aluno para a presente pesquisa.

Diante do exposto, a presente pesquisa é configurada como um estudo de caso, tendo como objetivos: verificar os indícios de autonomia do participante da pesquisa a respeito da aprendizagem de língua chinesa como língua adicional, identificar as

---

<sup>2</sup> Hanyu Shuiping Kaoshi, exame de proficiência em língua chinesa.



estratégias de aprendizagem utilizadas pelo aprendiz, e analisar a relação entre o aprendiz, sua autonomia e estratégias de aprendizagem.

O presente trabalho está organizado em quatro partes, em que na primeira seção, apresentamos o referencial teórico, no qual discorremos sobre estudos na área de ensino/aprendizagem de línguas que têm como foco de investigação o construto do bom aprendiz, autonomia e estratégias de aprendizagem. Na segunda parte, trazemos a metodologia escolhida para a realização do estudo, detalhando sua natureza, o contexto investigado, o participante, os instrumentos empregados na coleta de dados e os procedimentos adotados na análise dos resultados. Na terceira, analisamos e discutimos os resultados obtidos. Por fim, trazemos, na quarta seção, as considerações finais acerca deste estudo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresento o arcabouço teórico utilizado na presente pesquisa e as várias faces que conduziram este trabalho. Trago um pouco da teoria do bom aprendiz, o foco desta pesquisa. Logo depois, discorro sobre os constructos de autonomia e estratégias de aprendizagem de línguas, pontos cruciais desta investigação.

### O BOM APRENDIZ

No processo de ensino e aprendizagem de línguas não existe um método único que garanta, de forma absoluta, o sucesso na aprendizagem de línguas adicionais. A percepção de que alguns alunos tinham habilidades que as conduziam ao aprendizado de línguas, enquanto outros não as tinham, levou alguns pesquisadores como Rubin (1975), Stern (1975) e Naiman *et al.* (1978) a descreverem “o bom aprendiz” de línguas e a realçarem características pessoais, tais como estilos e estratégias de aprendizagem associadas ao sucesso na aprendizagem.

Rubin (1975, p. 42) cita três pontos em comum relacionados aos bons aprendizes: “atitude, motivação e oportunidade”. De acordo com a autora, a atitude está mais sujeita a manipulações, por poder ser melhorada por meio de treinamento e por estar em interação com a motivação.



A motivação é indispensável e é alta nos aprendizes autônomos e se traduz pelo interesse em se comunicarem, não importa onde eles estejam, enquanto os que não são bons aprendizes carecem de estímulo para se comunicarem até mesmo em contexto de sala de aula. A oportunidade é toda a atividade a qual o aprendiz está exposto, dentro e fora da sala de aula, em que pode praticar a língua.

Rubin (1975, p.48) identificou as seguintes características nas estratégias favoritas dos bons aprendizes de línguas: “habilidade em adivinhar, forte inclinação para comunicarem-se, desinibição, comunicação com forma e conteúdo, valorização da prática, monitoração da produção linguística e valorização do sentido do que é comunicado”.

Uma nova contribuição à base de conhecimentos sobre o bom aprendiz de línguas é dada por Amarante e Moraes (1992), que desenvolveram trabalho de orientação de estudos com acadêmicos do curso de Letras da PUCCAMP. Dentre os resultados apresentados, algumas características associadas a bons aprendizes são destacadas pelas autoras. Estas incluem *"autoconsciência, curiosidade, tolerância, autocrítica, realismo, disposição, envolvimento e organização"* (p. 285).

Em face do que precede, permitimo-nos sugerir que os bons aprendizes não possuem todas as características listadas e que nem essas listas são completas. Portanto, cada bom aprendiz detém um conjunto de características peculiares próprias de cada indivíduo que variam de acordo com o seu estilo e estratégias de aprendizagem.

## **AUTONOMIA**

A autonomia vem sendo, um tema bastante recorrente entre professores de línguas, pesquisadores e formadores de professores (DICKINSON, 1987; DOMICIANO; SANTOS, 2003; PAIVA, 2005), uma vez que ela é considerada como um dos factores determinantes no sucesso do ensino e aprendizagem de línguas, e, portanto, deve estar presente no contexto da sala de aulas de línguas.

Dickinson (1987 apud NICOLAIDES, 2003, p. 23) apresenta alguns termos de autonomia utilizados por linguistas aplicados. São alguns desses termos:



- autoinstrução – situações em que o aprendiz trabalha sem controle direto do professor;
- autodireção – aprendiz aceita responsabilidade pelas decisões de sua aprendizagem, mas não necessariamente assume a execução destas decisões;
- semiautonomia – estágio em que o aprendiz está se preparando para a autonomia;
- materiais de autoacesso – são materiais apropriados e disponíveis para autoinstrução;
- instrução individualizada – (CHAIX; O'NEIL, 1978 apud DICKINSON, 1978) processo de aprendizagem em que conteúdo, metodologia e ritmo são adaptados às características de um indivíduo particular.

Fontana (2008, p.9) traz a autonomia como ação e explica que é preciso compreendê-la como um "requisito para pensar e para agir".

Para Paiva (2005), a autonomia é geralmente relacionada ao termo responsabilidade, ou seja, o aprendiz se torna responsável pela própria aprendizagem. Para a autora, autonomia é:

[u]m sistema socio-cognitivo complexo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula (PAIVA, 2005, p.3).

Portanto, um estudante autônomo é aquele capaz de controlar e dirigir sua própria aprendizagem, o aprendiz que possui habilidades aplicáveis para o desenvolvimento das estratégias de aprendizagem, como, por exemplo, capacidade de assumir e guiar sua própria aprendizagem, tanto no contexto de sala de aula como fora dela.

Francos e Barros (2011, p. 4) discutem os papéis do professor e do aprendiz, advogando por uma redefinição dessas funções. Segundo as autoras, o professor progressivamente desempenha o papel de mediador e consultor. O aprendiz, por sua vez, desempenha o papel de agente proativo, aprendendo a colaborar com outros aprendizes e a respeitar a individualidade do próximo (FRANCOS; BARROS, 2011, p. 4).



Assim, a função do professor é conduzir os alunos e instigá-los a buscar a autonomia. Por fim, diante do exposto, a noção de autonomia que adotamos neste trabalho é “a capacidade do aprendiz de assumir, de se responsabilizar e autodirigir a própria aprendizagem” (DOMICIANO; SANTOS, 2003, p. 48).

## **ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM**

De acordo com Rose (2010), estudantes com línguas nativas alfabéticas possuem um maior nível de dificuldade durante o aprendizado da língua chinesa e isso implica diretamente nas estratégias de aprendizagem que devem ser adotadas.

Não existe muita literatura com relação ao conceito de estratégia. De acordo com Rubin (1975, p.43), estratégias referem-se às técnicas ou recursos que um aprendiz pode empregar para adquirir conhecimento.

Em um estudo apresentado por Oxford (2017), os constructos são amplos e nem sempre coincidentes, mas em comum apontam os benefícios das estratégias na aprendizagem de línguas. As estratégias de aprendizagem de língua estrangeira são complexas, pensamentos e ações, selecionados e utilizados por aprendizes com certo grau de consciência em contextos específicos para regular múltiplos aspectos de si mesmos (tais como cognição, emoção e interação social) com o propósito de (a) executar tarefas linguísticas; (b) desenvolver uso e capacidade linguística e/ou (c) a longo prazo, melhorar a proficiência. Estratégias são principalmente mentais, mas também podem ter manifestações físicas observáveis.

Aprendizes geralmente usam estratégias de forma flexível e criativa combinando as várias formas, como blocos ou correntes, e organizá-las para que atendam suas necessidades. Estratégias podem ser ensinadas. Os aprendizes escolhem quais estratégias são relevantes para o seu contexto, sendo que diversos fatores pessoais e contextuais influenciam na determinação das abordagens mais apropriadas.

Para alcançar o aprendizado autônomo, é preciso que o estudante conheça as estratégias de aprendizagem, descubra as estratégias que funcionam melhor para ele em cada contexto e possua os meios para aplicá-las. (MASSUDA, 2021)



Com base na teoria cognitiva de Anderson (1985), O'Malley e Chamot (1990) foram pioneiros ao propor uma classificação para as estratégias de aprendizagem, dividindo-as em três grupos, como discriminados a seguir (ROSE, 2010):

1. Estratégias cognitivas: relacionadas à manipulação mental ou transformação de materiais ou tarefas com a intenção de ampliar a compreensão, aquisição e retenção.
2. Estratégias sociais/afetivas: relacionadas ao uso de interações sociais para auxiliar na compreensão, aprendizagem e retenção de informação, assim como o controle mental acerca de questões pessoais que possam afetar o aprendizado.
3. Estratégias metacognitivas: relacionadas à análise de processos de aprendizagem, planejamento de aprendizagem, monitoramento durante a aprendizagem e autoavaliação após o encerramento da tarefa.

Estratégia de aprendizagem é, portanto, processos e ações realizadas pelo aprendiz a fim de ajudar, facilitar e melhorar a aprendizagem. Nesta pesquisa, tomaremos o quadro do Anderson (1985) e de O'Malley e Chamot (1990), apresentado por Rose (2010), como base para identificar as estratégias utilizadas pelo participante.

Na próxima seção, apresento toda a metodologia de pesquisa utilizada para, posteriormente, começar a análise dos dados obtidos à luz deste capítulo teórico.

## **METODOLOGIA**

Apresentamos, nesta seção, os vários elementos constituintes da metodologia utilizada nesta pesquisa: o método, a natureza, a abordagem, bem como o contexto, o participante, os instrumentos de geração de dados e o procedimento de análise de dados.

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2009) de carácter interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008), além de ser um estudo de caso (STAKE, 2005), de um bom aprendiz de língua chinesa como língua adicional, uma vez que investigaremos a autonomia e as estratégias de aprendizagem de apenas um aprendiz num contexto natural. Os dados gerados são descritos por narrativas do participante por meio das quais buscamos os significados apresentados pelo participante.

A pesquisa foi realizada no curso de Licenciatura de Língua, Cultura e Literatura Chinesa na Universidade Rovuma, em Nampula, Moçambique. O curso



completo tem a duração de quatro anos, perfazendo um total de oito semestres. Um aluno do sexto semestre do curso de graduação em Língua, Cultura e Literatura Chinesa da Universidade Rovuma, aqui identificado com o nome de Walambuck, para proteger a sua identidade. Ele tem 25 anos e participou deste estudo no 2º semestre de 2022. O participante também nos deu autorização para usar os dados por ele gerados nesta pesquisa, mediante a assinatura de termo de consentimento livre esclarecido.

Este aluno sempre se destacou entre seus colegas, principalmente por seu espírito questionador e interessado. Ressaltando-se ainda que suas notas sempre estiveram acima da média de sua classe. O estudante trabalha cinco horas diárias como supervisor e tradutor numa fábrica de processamento de castanha de origem chinesa, é um dos membros fundadores do *Chinese club*. Através dessas descrições, podemos compreender inicialmente os motivos pelos quais ele foi considerado um " bom aprendiz"

No intuito de alcançar uma variedade de elementos que possam fornecer informações relevantes para uma análise qualitativa consistente, foram utilizados os seguintes instrumentos para a geração de dados: questionário misto com o intuito de buscar informações pessoais, além de investigar perspectivas pessoais do aluno em relação aos estudos da língua chinesa e sua relação com ela; narrativa oral (entrevista livre) com gravação em áudio com o objetivo de registrar em detalhes todas as informações oferecidas pelo participante e entrevista semiestruturada para colher informações que não foram possíveis obter através do questionário e da narrativa.

A geração de dados foi realizada, no mês de outubro de 2022. Para a realização das tarefas da pesquisa, pautou-se em dois momentos. No primeiro momento, foi realizado o preenchimento do questionário na primeira semana da pesquisa. O questionário foi respondido em sala de aula, durante aproximadamente 1 hora, das 8h30 às 9h30. Na terceira e na última semana da pesquisa temos o segundo momento, onde foi feita a narrativa oral, que teve a duração de 60 minutos, na biblioteca da universidade, seguida pela narrativa escrita, realizada via e-mail e, por fim, a entrevista semiestruturada.

Após a geração de dados, nossas análises tiveram por foco as descobertas relativas às implicações e aplicações da autonomia e estratégias de aprendizagem no



bom desempenho do participante no processo de ensino e aprendizagem da língua chinesa como língua adicional, adotando as seguintes categorias: (1) identificar as ações de aprendizagem autônoma utilizada pelo participante; (2) descrever e categorizar as estratégias de aprendizagem utilizadas pelo participante; e (3) analisar a relação entre o aprendiz, sua autonomia e estratégias de aprendizagem.

### **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Nesta seção, são apresentadas as análises dos dados gerados por meio dos métodos ilustrados na seção anterior. Como se trata de diversas análises, optamos por seguir determinada ordem, de forma a apresentar os dados e minhas interpretações de uma forma mais didática.

Primeiramente, são apresentadas as ações tomadas autonomamente a respeito das estratégias de aprendizagem pelo participante durante a formação autodidata, relacionando essas estratégias com as teorias que fundamentaram esta pesquisa. Posteriormente, são apresentadas as ações tomadas autonomamente a respeito das estratégias de aprendizagem pelo participante na universidade, relacionando essas estratégias com as teorias que fundamentaram esta pesquisa. Por último, são apresentadas as análises da relação entre o aprendiz, sua autonomia e estratégias de aprendizagem.

Ao longo do texto, são apresentados excertos da voz do participante adquiridos a partir das narrativas escritas, da entrevista e do questionário misto, tendo em vista a certificação do que está sendo pesquisado.

### **AS AÇÕES AUTÔNOMAS E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM TOMADAS PELO APRENDIZ DURANTE A FORMAÇÃO AUTODIDATA.**

Apresentamos, a seguir, dados sobre ações que tornam o aprendiz autônomo, bem como suas estratégias de aprendizagem.



## ACÇÕES AUTÔNOMAS

Autonomia é uma questão de atitude, como a liberdade de o aluno fazer algumas escolhas durante o ato pedagógico, até a possibilidade de que ele possa assumir total responsabilidade por seu aprendizado inserido em um determinado contexto educacional e, portanto, restritos à sua filosofia e às normas. (Daniele; Siqueira Nicolaides, 2011, p.16)

Os primeiros sinais de autonomia de aprendizagem do participante surgem quando decide aprender a língua chinesa de forma autodidata, conforme afirma:

[1] Meu primeiro contato com a língua chinesa foi com filmes, músicas e um livro de diálogos, eram diálogos que, de alguma forma, ensinavam aspetos básicos tais como; apresentação e saudação, pedir informações ou seguir orientações e várias outras coisas, apesar de não apresentar aspetos gramaticais da língua chinesa consegui extrair muito do livro.  
(Questionário misto)

**Fonte:** Autora, 2022.

Walambuck começou a estudar a língua chinesa oito meses antes de entrar na universidade, há 3 anos. Conforme ele afirma: “eu tinha curiosidade e vontade de aprender a língua chinesa com o objetivo de fazer a minha graduação e negócios na China.” O participante acredita na busca pelo aprendizado fora do contexto da sala de aula e diz que isso pode ser feito através de filmes, músicas e também conversando com falantes nativos. Paiva (2005) frisa essa noção de que músicas, filmes fora da sala de aula são de grande valia para a promoção da autonomia dos aprendizes.

Na seguinte afirmação é possível identificar características de autonomia de acordo com as definições de Dickinson (1987), a semiautonomia.

[2] Após dois meses de contato com a língua, eu notei que precisava de ir além dos filmes, músicas e do livro de diálogos que usava no momento de forma a estudar o idioma, **mas eu não sabia o que fazer**, como estudar os aspetos gramaticais, a pronúncia, a escrita, etc. Decidi buscar recursos tecnológicos para ultrapassar essa situação, baixei tutoriais da professora chinesa Xiao no YouTube. Para além dos tutoriais, baixei o Chinese grammar para iniciantes, onde continha a explanação dos aspetos gramaticais e seus respetivos exemplos.  
(Questionário misto)

**Fonte:** Autora, 2022.



É visível que o aprendiz ainda está no estágio inicial da autonomia, ainda um pouco sem direcionamento pedagógico com relação aos diversos aspectos linguísticos da língua e os meios que deveria usar para alcançar a competência almejada. Isso pode ser explicado pelo fato de que a internet nos permite acesso a diversas fontes de aprendizagem e, muitas das vezes, nos sentimos perdidos em relação à qualidade do material e a que escolher.

Outra evidência de autonomia no excerto 2 dá-se quando o participante toma a liberdade de buscar recursos por meio de mídias digitais, pois percebeu que seu estudo independente centrado em filmes, músicas e livro de diálogos, sua aprendizagem na língua chinesa não evoluía. Assim, começou a busca por tutoriais e materiais didáticos de gramática disponível que poderiam auxiliar seus estudos e progredir na aprendizagem da língua chinesa.

Paiva (2005, p.2) defende que, quando os alunos refletem sobre o seu próprio conhecimento, suas próprias estratégias, materiais apropriados, eles se tornam mais preparados para tomar decisões a respeito de seu processo de aprendizagem, o que facilita o desempenho na imagem de aprendiz autônomo e, com isso, obter mais motivação para aprender. Vejamos a narrativa do participante:

[3]O Chinese grammar não continha exercícios práticos, por isso, baixei o livro *New Practical Chinese Learner* de forma a exercitar os aspectos gramaticais. Eu também sentia a falta da expressão oral, de pessoas com as quais eu pudesse interagir. Tomei a decisão de frequentar lojas chinesas nos finais de semana como forma de interagir com os nativos e praticar a língua. E com o tempo, eu fui descobrindo os aspectos que eu devia trabalhar, como eu devia estudar.  
(Entrevista semiestruturada)

**Fonte:** Autora, 2022.

É perceptível que, após o participante verificar e constatar a ausência da componente prática no Chinese grammar e de analisar a sua necessidade na compreensão de palavras ou sentenças da língua chinesa, ele optou pelo estudo do material didático *New Practical Chinese Learner* para complementar e auxiliar o aprendizado do sistema linguístico da língua chinesa.

Outro aspecto interessante que merece discussão neste evento é a necessidade que Walambuck constata de interagir com os falantes nativos. Essa sua ação é sinal



observável de autonomia, onde o participante possui atitude e oportunidade fazendo reflexões sobre sua aprendizagem. Essas duas características fazem parte dos três pontos citados por Rubin (1975).

Cabe salientar ainda que o participante pensou nas lojas chinesas como cenário de oportunidade de interação social, onde o conhecimento é entendido como construído por meio da interação do aprendiz e pares mais competentes (falantes nativos), onde os benefícios da interação e da colaboração dos falantes nativos são essenciais para o desenvolvimento da autonomia do aprendiz (FIGUEIREDO, 2018).

Podemos, pois constatar que o aprendiz procurou os seguintes recursos para aumentar a sua autonomia: universo tecnológico por meio de tutoriais e materiais didáticos de gramática aos espaços sociointeracionais, lojas chinesas e pontos turísticos da sua cidade.

## ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

Conforme as categorias de estratégias de aprendizagem apresentadas por Rose (2010), no início da aprendizagem autodidata percebe-se que o participante utilizava métodos cognitivos para memorizar o vasto repertório de vocabulário, isto é, caracteres chineses (*hanzi*), seus significados e as suas respectivas pronúncias (*pinyin*).

[4] Em relação ao repertório lexical chinês, eu memorizava o vocabulário associando o caracter (*hanzi*) ao seu respectivo significado e pronúncia (*pinyin*) criando deste modo a base necessária para dominar os caracteres chineses. Eu também usava o aplicativo *pleco*<sup>3</sup> para praticar a pronúncia dos caracteres. Eu passei a frequentar alguns pontos turísticos que os chineses frequentavam, como são os casos do sunlight, restaurante chinês para interagir com os falantes nativos e avaliar o meu aprendizado [...].  
(Entrevista semiestruturada)

**Fonte:** Autora, 2022.

A memorização do vocabulário e o uso de aplicativo *pleco* no excerto número 4 embasa-se na estratégia de aprendizagem cognitiva, com uso da língua para a memória. Apesar da ausência da interação, o aplicativo *pleco* dá o feedback positivo ou negativo da pronúncia, facto fundamental para efetuar a autoavaliação da pronúncia de

---

<sup>3</sup> Dicionário virtual de escrita e pronúncia chinesa



um determinado vocábulo, o que ilustra uma estratégia que pode aumentar a autonomia do aprendiz.

Cabe salientar ainda, que para além da estratégia cognitiva no excerto 4, é possível ver traços da estratégia metacognitiva quando o aprendiz relaciona novas informações às já existentes, usa o aplicativo *pleco* para obter o feedback da pronúncia de um determinado vocábulo já internalizado, seleciona as estratégias de pensamento com um propósito, seleciona a estratégia memorização para a aquisição do repertório lexical e planeja, monitora e avalia os processos de pensamento, controla e autoavalia o conhecimento lexical e as respectivas pronúncias (O'MALLEY; CHAMOT, 1990). Dessa maneira, ao empregar tais estratégias, o aprendiz atinge uma forma de aprendizado mais eficaz e favorável, promovendo consistentemente uma abordagem mais autônoma. No trecho seguinte também é possível ver traços desta estratégia:

[5] Eu reservava **1 hora diária** nos dias de semana para a memorização do repertório lexical chinês e interação com os nativos era efetuada na **quarta, sexta e sábado**.  
(Questionário misto)

**Fonte:** Autora, 2022.

Nenhuma aprendizagem vai ocorrer a menos que haja tempo suficiente investido na tarefa. Planejar a aprendizagem envolve definir um determinado período de tempo por semana para se dedicar ao estudo da língua e decidir sobre o método mais eficaz para executar a tarefa. O excerto 5 ilustra que o aprendiz selecionou o método que melhor se adapta ao seu estilo e que melhor aproveita o tempo disponível, aproveitando o maior número possível de oportunidades de memorizar o repertório lexical da língua e de interação para praticar a expressão oral da língua nos diversos pontos turísticos que os chineses frequentam em sua cidade.

Conforme os dados acima apresentados, é possível identificar mais de um tipo de estratégia sendo utilizado por Walambulu, a partir de seu relato: estratégias cognitivas e estratégias metacognitivas.



## AS AÇÕES AUTÔNOMAS E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM TOMADAS PELO APRENDIZ NA UNIVERSIDADE

Nesta seção, faremos a análise dos dados coletados referentes ao momento depois do ingresso na universidade.

### AÇÕES AUTÔNOMAS

Iniciamos a nossa análise da narrativa oral, reparando evidências das ações autônomas do participante durante o processo de ensino e aprendizagem na sua formação acadêmica.

[6] Na universidade, procurei tirar o máximo proveito, no sentido acadêmico de aprender do conhecimento que os professores têm para oferecer, faço sempre anotações de aspectos importantes. A professora Zhang era muito séria e exigente, ela fazia os alunos repetirem as palavras muitas vezes até que as pronunciassem corretamente. Eu gosto das aulas interativas, eu participava nas interações onde a professora simulava uma situação real na qual os alunos deveriam falar com os estrangeiros. Durante a leitura, marco os textos, anoto nas margens, resumos, questões, críticas ao conteúdo e os significados encontrados para palavras desconhecidas etc.  
(Narrativa oral)

**Fonte:** Autora, 2022

Com base nos dados apresentados nesta narrativa, pudemos notar que o participante na sala de aula, além de manter atenção na aula, faz anotações e copia as informações relevantes. A preferência pelas aulas interativas é afirmada com clareza, pois nelas podem-se fazer perguntas, comentários, absorver melhor o conhecimento através de interações com o professor e colegas. Em consonância, Figueiredo (2018) afirma que, nas aulas interativas, o conhecimento coconstruído é gerado no intercâmbio de informações e sugestões entre os participantes.

A disciplina, nos hábitos de estudo, é uma característica visível. O aluno sabe aproveitar a oportunidade para aprender e "absorver" conhecimentos, como é o caso da pronúncia correcta das palavras.

Em relação ao momento da leitura, depreendemos dos dados que o participante a realiza da seguinte forma: comenta nas bordas do texto, relaciona o que aprende com outros assuntos, faz anotações críticas, faz perguntas, resumos e elabora significado de novos vocábulos. Essas constatações vão ao encontro do que expõe Paiva (2005) ao



defender que, para um aluno ser autônomo, ele precisa fazer escolhas (nesse caso de estratégias) e tomar decisões (sobre quais estratégias e métodos usar).

Para cada situação de estudo, o participante emprega ações concretas, demonstrando que é consciente das diferenças de matérias que têm para estudar e dos objetivos pretendidos para eles. Essa adequação é característica de um aprendiz maduro, que seleciona a estratégia certa para determinada tarefa.

O participante menciona que deve parte do seu estilo autônomo de aprendiz a uma ex-professora. A professora *Zhang* mostrou-lhe que havia outras possibilidades de aprendizagem da língua chinesa em outros contextos que não a universidade.

[7] Para alcançar um nível de competência linguística internacionalmente aceito, participe de programas promovidos pelo Instituto Confúcio.  
(Questionário Misto)

**Fonte:** Autora, 2022

Conforme sugerem Francos e Barros (2011), o professor precisa guiar os alunos e instigá-los a buscar aprender de forma independente em contextos formais ou informais, fora da sala de aula. No intuito de alcançar a competência linguística internacionalmente aceita, o participante buscou contato direto com a língua-alvo, por meio de programas promovidos pelo Instituto Confúcio, tais como concursos de escrita e cultura chinesa, exames de proficiência linguística dos seguintes níveis HSK1, KSK2, HSK3 e HSK4.

O Instituto Confúcio promove diferentes programas para os aprendizes da língua chinesa nos diferentes níveis de ensino, tais como *Chinese Bridge*, onde avaliam as seguintes componentes: o conhecimento geral da cultura chinesa, habilidade linguística, competência discursiva, avaliação de talentos, entre os quais destacamos o canto, a dança e as artes marciais. O programa ainda promove intercâmbio entre os diferentes aprendizes da língua chinesa dos diversos países do mundo.

Walambuck sempre se destacou entre os primeiros três classificados em vários concursos organizados pelo Instituto Confúcio, mérito alcançado por sua rotina de estudo, direcionamento e comprometimento.



A autonomia do participante intensificou com o surgimento da pandemia que forçou a sociedade a se isolar socialmente e as escolas a adotarem o ensino remoto. Com isso, o seu papel de aluno como sujeito ativo ficou mais evidente.

[8] Quando surgiu a pandemia, houve uma mudança do ensino presencial para o ensino remoto através do uso da plataforma SAP<sup>4</sup>, para além do domínio no uso da plataforma alcançado por um tutorial, passei a me comunicar e a interagir com os professores e colegas virtualmente.  
(Questionário misto)

**Fonte:** Autora, 2022.

Uma característica peculiar registada no processo de ensino aprendizagem do participante é o desenvolvimento da habilidade de tomar crescente responsabilidade pelo seu aprendizado, deste modo, tornando-se autodirecionado (NICOLAIDES, 2003). Podemos perceber que Walambuck aproveitou o acesso que se intensificou à tecnologia para interagir com colegas e professores.

As reflexões apresentadas revelam que a aprendizagem é um fenômeno social, a autonomia de aprendizagem e o conhecimento linguístico emergem do encontro interativo entre o participante e falantes da língua (FIGUEIREDO, 2018).

## ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

Após ingressar na universidade, o aprendiz buscou adquirir o conhecimento do sistema de escrita chinesa. Há uma série de fatores que determinam o aprendizado do sistema de escrita chinesa, o significado tradicional dos elementos dos caracteres (*hanzi*); o sistema de radicais; a forma como os *hanzi* se originaram; as regras para a formação de palavras simples e compostas e as categorias dos caracteres chineses.

A escrita básica chinesa é constituída dos seguintes traços básicos: héng, shù, piě, diǎn, nà, héngzhé. Saber qual traço vem primeiro pode ajudar o aprendiz a se lembrar da ordem em que os outros traços seguirão. A ordem dos traços envolve ritmo, padrão e sequência, o *hanzi* é construído por esse conjunto. A prática

---

<sup>4</sup> Sistema de aprendizagem



cuidadosa e frequente da ordem correta dos traços pode funcionar como uma estratégia para lembrar como se escreve um *hanzi*.

Assim, Walambuck começou a busca por materiais didáticos de sistemas de escrita / ideogramas que poderiam auxiliar seus estudos e dominar o sistema de escrita da língua chinesa.

[9]Na faculdade, constatei que precisava trabalhar arduamente na escrita de forma a aprimorar e dominar a escrita dos caracteres. Eu aprendi a escrita dos *hanzi* através da memorização da ordem dos traços, associando a categoria do carácter ao seu significado e o som, criando uma história entre o radical que remete ao significado do carácter após a sua composição [...]  
(Narrativa Oral)

**Fonte:** Autora, 2022.

Para análise do excerto 9, iremos nos cingir, de forma particular, nos conceitos de “estratégia metacognitiva” e de “estratégia cognitiva”, abordados por Rubin (1975) e Rose (2010). O uso da estratégia metacognitiva verifica-se quando o aluno dá prioridade a aprendizagem do sistema de escrita chinesa de forma a aprimorar e dominar a escrita dos caracteres usando estratégias específicas. Assim, a partir do uso das estratégias metacognitivas, o aprendiz tem a chance de controlar o sistema de aprendizagem como um todo, planejá-lo e melhorá-lo de forma mais consciente.

Os dados também revelam que o participante tende a usar estratégias cognitivas que (1) requerem conhecimento ortográfico como pistas, (2) criar associação mental entre som, forma e significado, (3) empregar ambas dicas aural-orais e informações escritas sobre um novo personagem quando ele é introduzido, (4) focar no som como pistas para fazer conexões com significado e forma, e (5) buscar vários caminhos para explorar como um novo personagem funciona.

*Aural* refere-se a sons percebidos pelo ouvido.

*Oral* refere-se à boca: falada em vez de escrita.



## **A RELAÇÃO ENTRE O APRENDIZ, SUA AUTONOMIA E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM**

Por meio da análise dos dados, pudemos verificar que as características do participante (atitude e motivação) e o domínio das estratégias de aprendizagem voltadas para o exercício da repetição e memorização, o contato direto com falantes nativos e com programas promovidos pelo Instituto Confúcio, os exames de proficiência linguística, o plano de estudo diário e a procura por conta própria de novos meios de expandir seu conhecimento são factores preponderantes na promoção da sua autonomia.

Desse modo, esse conhecimento permite que o aprendiz estabeleça metas, objetivos, escolha estratégias, planeje o estudo, controle o próprio desempenho, tornando-se mais autônomo e um bom aprendiz de línguas. Assim, são notáveis a responsabilidade e a autoridade que Walambuck tem sobre o seu processo de aprendizagem da língua chinesa.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, impusemo-nos a tarefa de verificar os indícios de autonomia do participante da pesquisa, identificar as estratégias de aprendizagem utilizadas por ele e analisar a relação entre o aprendiz, sua autonomia e estratégias de aprendizagem de língua chinesa como língua adicional. Corroborando os pressupostos teóricos do bom aprendiz, em nossos dados existem claras evidências de que o conjunto desses três pontos: atitude, motivação e oportunidade, apresentados por Rubin (1975), criaram, no contexto investigado, as condições favoráveis para que Walambuck se tornasse um aprendiz autônomo, com um bom desempenho na aprendizagem da língua chinesa.

Dos dados apresentados, podemos observar que o aprendiz, para além de atitude e motivação na aprendizagem da língua chinesa, utiliza estratégias cognitivas, metacognitivas e sociais que auxiliam melhor seus estudos, já que ele busca sempre evoluir, avançar nos conhecimentos de forma a alcançar o sonho de estudar e fazer negócios na China, utilizando a língua chinesa.

Esperamos que as estratégias utilizadas por Walambuck possam servir de inspiração a outros aprendizes de chinês, de modo a tornar a sua aprendizagem um



processo mais eficiente e significativo, levando os aprendizes a se tornarem cada vez mais ativos e autônomos nesse processo. Em face do exposto, sugerimos a realização de atividades que visam conscientizar os alunos e professores sobre o papel da autonomia e das estratégias de aprendizagem como elementos essenciais para um ensino e aprendizagem de sucesso.

## REFERÊNCIAS

AMARANTE, M. F. S. ; MORAES, T. Orientação de estudos: intervenção sistemática no processo ensino/aprendizagem no Curso de Letras da PUCCAMP. *R. Letras*, PUCCAMP, Campinas, 11(1/2): 280-294, dez., 1992.

BLOS, D.; SIQUEIRA NICOLAIDES, C. A aprendizagem autônoma de crianças aprendizes de línguas em um contexto de ensino de currículo bilíngue por meio de um centro de autoacesso. *Calidoscópio*, vol. 9, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 15-27

DICKINSON, L. *Self instruction in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DOMICIANO, R.M.C; SANTOS, C.B. Autonomia em aprendizagem em Línguas Estrangeiras (Inglês): uma análise dos deslocamentos dos conceitos e das práticas pedagógicas. In: NICOLAIDES, C. et Al. *O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras – II Fórum internacional de ensino de línguas estrangeiras*. Pelotas, Editora e Gráfica Universitária, 2003.

FLICK, Uwe. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. A aprendizagem colaborativa de línguas: considerações conceituais e aplicações em distintos contextos. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. de (Org.). *A aprendizagem colaborativa de línguas*. 2 ed. rev. ampl. Goiânia: Ed. da UFG, 2018. p. 13-57.



FONTANA, N.M. Autonomia: requisito na formação do professor de línguas para fins específicos. *The Specialist*, vol.29, nº especial, 2008.

FRANCO, M.M.S, BARROS, J.M.A. Abrindo caminhos para a construção da autonomia na aprendizagem de LE. *IV EDIPE*, 2011.

MASSUDA, S. S. *Estratégias de aprendizagem autônoma de ideogramas da língua japonesa*. Brasil, 2021. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras,) Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

NAIMAN, N. et al. *The good language learner*. Toronto: Ontario Institute for Studies in Education, 1978.

NICOLAIDES, C.S. *A busca da aprendizagem autônoma de língua estrangeira no contexto acadêmico*. Porto Alegre, RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 205 p. 2003.

O'MALLEY, J. M.; CHAMOT, A. U. *Learning Strategies in Second Language Acquisition*. New York: Cambridge University Press, 1990.

OXFORD, R. *Teaching and researching language learning strategies: selfregulation in context*. In: *International Journal of Applied Linguistics*, 2a ed. Nova Iorque: Routledge, 2017.

PAIVA, V.L.M.O. Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem. In FREIRE, M.M.; ABRAHÃO, M.H.V; BARCELOS, A.M.F ( Orgs.). *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. Campinas e São Paulo: Pontes e ALAB. p. 135-153, 2005.

ROSE, H. *Kanji learning of Japanese language learners on a year-long study exchange program at a Japanese university: An investigation of strategy use, motivation control*



and self-regulation. Austrália, 2010. Tese (Doutorado em Educação) - University of Sydney, Sydney, 2010.

RUBIN, J. *What the “good language learner” can teach us*. TESOL Quarterly. 9, 1975

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *Handbook of qualitative research*. London: Sage, p. 236-247, 2005.

STERN, H. H. *What can we learn from the good language learner?* The Canadian Modern Language Review, 34, p. 304-318, 1975.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. A formação inicial e o desenvolvimento profissional do professor de línguas estrangeiras: práticas e pesquisas. *Horizontes de Linguística Aplicada*. Ano 5, n. 2, p. 6-23, dez. 2010.

**AUTORIA:**

**Sónia Sara Cumbe**

Licenciada em Ensino de Língua Inglesa, pela Universidade Pedagógica de Moçambique e, Mestre em Administração e Gestão Educacional. Docente de graduação, curso de Licenciatura em Ensino de Inglês, na Universidade Rovuma, actua nas disciplinas de Historia da língua Inglesa e Técnicas de expressão em língua Inglesa. Áreas de interesse: Linguagem, sociedade e Cultura.

Instituição: Universidade Rovuma

E-mail: [scumbe@unirovuma.ac.mz](mailto:scumbe@unirovuma.ac.mz).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1490-5683>

País: Moçambique